

A cidade dos poetas populares e migrantes: o nordeste como palco e fonte para produção da literatura de folhetos

The city of popular poets and migrant: the nordeste as a stage and source for the production of the "string literature"

Lucas Santos Ribeiro Leite¹

Giuseppe Roncalli Ponce Leon de Oliveira²

RESUMO: Esta pesquisa traz reflexões sobre um *corpus* de folhetos, selecionado de um universo amplo de obras que compõem os acervos Átila de Almeida, e o acervo digital da Fundação Casa de Rui Barbosa, tendo como campo temático os movimentos migratórios do Nordeste e a publicação de folhetos nos grandes centros urbanos. Em virtude de tratar-se de uma fonte constituidora de certo modelo de tradição regional, analisamos historicamente o lugar de pertencimento desta prática literária e de seus produtores. Os folhetos selecionados nos possibilitaram observar: a origem de uma literatura popular brasileira articulada com os movimentos migratórios, fenômeno impulsionado pela industrialização no sudoeste do país em meados do século XX; assim como, um conjunto de produções literárias que articulam os movimentos migratórios e o cotidiano do trabalhador nordestino nas cidades.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de Folhetos; Cidades; Migrantes; Nordeste.

ABSTRACT: This research brings reflections on a corpus of Folhetos, selected from a wide universe of works that compose the collections Átila de Almeida, and the digital collection of the Casa de Rui Barbosa Foundation, having as its thematic field the migratory movements of the Northeast and the publication of leaflets in large urban centers. Because it is a source that constitutes a certain model of regional tradition, we analyze historically the place of belonging of this literary practice and its producers. The selected leaflets enabled us to observe: the origin of a popular Brazilian literature articulated with migratory movements, a phenomenon driven by industrialization in the southwest of the country in the middle of the twentieth century; as well as a set of literary productions that articulate the migratory movements and the daily life of the Northeastern worker in the cities.

KEYWORDS: String Literature; Cities; Migrants; Northeast.

Esta pesquisa iniciou-se a partir do desenvolvimento do projeto: *Tradição e Trabalho: Poesia e Percursos dos poetas populares*, PIBIC/PROCAD em História (PUC-SP/UFAM/UFMG),

¹Mestrando do Programa de Pós Graduação em História – PPGH – Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Campina Grande – PB – Brasil. Email: lucassrleite1973@gmail.com

²Doutor em História Social pela USP. Pós-doutorando junto ao PPGH/UFMG. Email: giusepedeoliveira9@gmail.com



iniciado em maio de 2015, sob orientação da professora Marinalva Vilar de Lima (UAHIS/UFCG). Das leituras e análises realizadas sistematizamos elementos para subsidiar as considerações a que chegamos sobre a compreensão dos poetas acerca da temática da migração e da respectiva venda e disseminação dos folhetos nas grandes metrópoles.

Analisamos o percurso da primeira geração dos poetas, responsáveis pela constituição do público, distribuição da literatura de folhetos e o estabelecimento das formas de produção das poesias no final do século XIX e início do século XX. Dentre os membros da segunda geração, que ingressaram na produção do cordel a partir da década de 1930, (re)escrevendo e inserindo as narrativas nos seus próprios contextos, nos dedicamos a observar como eles se reportaram a questão dos movimentos migratórios, considerando o processo de industrialização de cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, os desníveis regionais, os movimentos por trabalho e sobrevivência material, como também, suas experiências enquanto sujeitos, durante meados do século XX.

A partir de um acervo temático, consultado e digitalizado durante a pesquisa, selecionamos um conjunto de obras para subsidiar as análises aqui apresentadas. São estas: *Abc do Nordeste Flagelado*, Antônio Gonçalves (Patativa do Assaré), s/d; *Acidentes no trabalho no ramo da construção*, Severino José, s/d, São Paulo-SP; *O adeus de um operário* F. Borges, 1952; *Algodão: A solução do Nordeste e a riqueza do plantador*, João José da Silva, s/d; *A alta dos impostos e o choro da humanidade*, Manoel Dionísio, Poeta Canelinha, 1952; *Campanha da fraternidade 1978: trabalho e justiça para todos*, (autor desconhecido) Recife, 1978; *A cara feia da fome no golpe da carestia*, José Costa Leite, s/d; *A carestia solando o pobre Severino Cândido Carolino (Peito de Aço)* s/d; *O choro dos nordestinos ou os tormentos dos Araras*, Antonio Ferreira da Silva, 1960; *O choro dos nordestinos no Rio e a palestra de Luiz Gonzaga*, Manoel Camilo dos Santos, 1952; *O clarim da miséria puxando a marcha da fome*; Severino Cezário, s/d; *O corre-corre de um barraqueiro*, Antonio Silva Vilas Boas, 1980; *A despedida do nordestino que vai para o Rio e São Paulo* Antonio Samuel Pereira Sertânia-PE; *Dificuldades do cordel mostradas por um poeta*, Franklin Maxado Nordestino, 1985; *Dona crise e o jovem Maxi*, Helvia Callou, Campina Grande-PB, 1984; *O drama do favelado*, Paulo Teixeira de Souza e Cosme Damião Vieira de Oliveira, s/d; *O drama do retirante* José Costa Leite, s/d; *O drama dos favelados* José Rodrigues de Oliveira, s/d; *Frustrações de um sertanejo*, Raimundo Santa Helena Rio de Janeiro-RJ 1990; *O nordestino no sul* Franklin Maxado Nordestino, São Paulo-SP, 1978; dentre outras obras, estas que contribuíram, e dão suporte para o desenvolvimento de pesquisas subsequentes.

A poesia popular pode ser explanada como produto da expressão, criatividade e sensibilidade produzida pelo povo. Segundo o folclorista Luís da Câmara Cascudo (1979), a poesia popular ou a literatura do povo, possui três segmentos distintos: A literatura



tradicional³, a literatura oral ⁴ e a literatura popular. Para Joseph Maria Luyten (1983) a literatura popular do Brasil se apresenta na forma de prosa e poesia. A prosa dificilmente é registrada e publicada, temos conhecimentos do gênero através dos escritos folclóricos que, em parte, não são tão acessíveis ao grande público. Por outro lado, a poesia, caracterizada pelos folhetos populares, foi disseminada por todo Brasil e desenvolvida intensamente na região Nordeste.

Assim argumenta José Alves Sobrinho (2003, p.21):

Daí surgiram os primeiros cantadores, a expressão máxima da poesia popular. No litoral e brejos surgiram os emboladores de coco e os cantores de coco de tropel.[...] O segmento escrito, a poesia em forma de folheto, hoje apelidada de literatura de cordel.

Nota-se que as apresentações orais, pelepas, poemas, estão presentes em praticamente todas as regiões do país, principalmente nos locais onde a cultura escrita não foi majoritariamente dominante. A prática de contar histórias e fazer jogos verbais oralmente é característica dos povos que constituíram a nação. Dessa forma, compreendemos a disseminação dessa prática por todo o país. Utilizamos o Nordeste como espaço sócio cultural para compreender a disseminação do folheto e a popularidade de seus respectivos compositores.

De acordo com Márcia Abreu (1999) o processo de constituição da poética nordestina se deu a partir das primeiras manifestações de cantoria. Tradição que tem como figura expressiva Agostinho Nunes da Costa (1797-1858), nascido na serra do Teixeira, local de origem dos mais importantes poetas populares do século XIX, Nicando e Ugulino (seus filhos), Germano da Lagoa, Silvino Pirauá, dentre outros que compunham o “grupo dos Teixeira”, responsáveis pelas primeiras composições do gênero. Embora não fossem cantadores, Francisco das Chagas Batista e Leandro Gomes de Barros tiveram sua importância nesse processo, sendo responsáveis pela publicação sistemática dos primeiros folhetos no final do século XIX e no decorrer da década de 1920.

Nos finais do século XIX era uma prática constante a composição de cantigas e seus respectivos dedilhados. Os paraibanos, Silvino Pirauá Lima (1848-1913) habitante da região de Patos das Espinharas e Germano Alves de Araújo Leitão, O Germano da Lagoa (1842-1904) da Serra do Teixeira, produziam romances e pelepas, tais como *A história do Rio São Francisco*, *A*

³ Luís da Câmara Cascudo afirma que literatura tradicional é modelo de narrativa herdada pelos colonizadores, novelas oriundas do século XV, presente há séculos no país e mantidas pelas reimpressões desde 1840.

⁴ Conforme Câmara Cascudo, a literatura oral se mantém no anonimato tendo como elemento de formação sua respectiva transmissão verbal entre os meios populares. A oralidade se modifica conforme as versões locais, como também, as adaptações psicológicas e ambientais. O ciclo da literatura oral é originário das impressões, experiências e representações dos seus respectivos locais de origem.



história do capitão do Navio, Peleja de Inácio da Catingueira com o Mestre Romano da Mãe d'Água, estas cantadas ao som da viola. Porém, não temos certeza se os trabalhos foram impressos nos anos iniciais de suas respectivas confecções. (SOBRINHO, 2003).

Poucos anos depois, surge o poeta, Leandro Gomes de Barros (1865-1918), um dos grandes nomes da poesia popular nordestina. Nascido em Pombal, esteve em São José do Egito, Bezerros, Vitória de Santo Antão, Jaboatão dos Guararapes, até se estabelecer em Recife, onde criou sua primeira tipografia. Foi o primeiro poeta popular a publicar obras de folheto no nordeste. A impressora manual foi denominada *Perseverança*, por lá, Leandro publicava suas obras e as de outros compositores, como as do próprio Silvino Pirauá, logo depois de 1898 (SOBRINHO, 2003).

Em Campina Grande, no ano de 1902, um jovem chamado Francisco das Chagas Batista publica, aos 20 anos de idade, um folheto intitulado *Saudade do Sertão*. Tempos depois, em 1909, o encontramos em Guarabira, dono de uma tipografia e folhetaria fruto de uma sociedade com seu Irmão Pedro Guedes Batista, genro de Leandro Gomes de Barros. Pedro Batista chegou a publicar obras do Sogro. Estima-se que até 1923 ainda permanecia em Guarabira exercendo a mesma profissão (SOBRINHO, 2003).

No início da década de XX, começaram a surgir novos impressores populares nas cidades do estado da Paraíba: Santa Luzia do Sabugi e Itabaiana; Rio Grande do Norte: Nova Cruz e Currais Novos; Pernambuco: Timbaúba dos Mocós e Bezerros. Em 1913 encontramos Francisco Chagas Batista na Parahiba do Norte (atual João Pessoa) com uma nova tipografia intitulada: *A popular Editora*, localizada na Rua da República, n. 65°. Somadas à Recife, Guarabira e Parahiba do Norte, se tornaram o núcleo de impressão, distribuição e divulgação da poesia popular na região (SOBRINHO, 2003).

Consideramos, que as condições sociais de formação da região Nordeste, deram aos folhetos populares uma estrutura singular que se distingue das “folhas volantes” lusitanas. A literatura de folhetos, produzida no Nordeste é estritamente codificada, atende a um conjunto normativo específico respeitado pelos seus produtores e público consumidor. Perspectiva já comentada por Márcia Abreu (1999) que se preocupa em apresentar as distinções entre uma prática e outra, recorrendo aos detalhes de formato, impressão, temáticas, etc.

Predomina uma concepção de origem ibérica incontestável, dentre outras teses que implicam no processo de adaptação, recriação e fusão entre a literatura oriunda dos “colonizadores” com as práticas dos poetas improvisadores que caracteriza o modelo desenvolvido no Nordeste Brasileiro. Márcia Abreu ressalta que, a falta de estudos



sistemáticos e de análises comparativas entre ambas as produções intelectuais, alimentaram o equívoco de que a literatura de cordel portuguesa é apresentada como matriz ou fonte principal da literatura de folheto nordestina, desconsiderando suas diferenças e particularidades.

A história da literatura brasileira se consolida a partir do binômio de troca entre cultura europeia e natureza local. O “colonizado” é tido por passivo no âmbito cultural. É aquele, que em termos de cultura, não tem nada para ofertar. Os movimentos literários que apresentam rupturas com a tradição europeia são relegados, integram apenas à abordagem folclórica ou aos estudos de cultura popular.

O ponto de partida para desmistificação desse posicionamento se dá a partir do cruzamento entre as fontes e o estudo acerca das condições de produção que variam de acordo com os contextos em que ambos os gêneros literários foram produzidos. Uma das maiores dificuldades em se elaborar um estudo comparativo entre a “literatura cordel” e a “literatura de folheto”, consiste nas tentativas de definir e distinguir um gênero do outro. O processo de constituição física dos textos, somados à maneira de vendê-los, são os atributos utilizados para suas respectivas acepções. Tal processo implica na correlação entre ambos os gêneros, dificultando ainda mais a tarefa de distinção. No entanto, o processo histórico em que o folheto é produzido na região Nordeste, somado às características narrativas, são as ferramentas essenciais para compreensão do fenômeno. Há nessa direção, a criação do desafio que é desenvolvido na experiência brasileira, como ressalta Átila de Almeida e José Alves Sobrinho.

A literatura de folheto Nordestina foi consolidada entre o final do século XIX e início do século XX. Nesse momento são definidos o processo de edição, as características gráficas, a comercialização e constituição de um público alvo. Por conseguinte, os autores viviam da composição e da venda dos versos, pertenciam às camadas populares. Os folhetos possuíam fortes vínculos com as tradições orais e temáticas condizentes com a rotina do sertanejo. Todo esse conjunto de fatores nos indica as diferenças de gênero com a tradicional literatura de cordel vinda de Portugal.

Na literatura popular lusitana predominavam as adaptações dos textos de sucesso (Best-Sellers), as matrizes dos cordéis pertenciam à cultura escrita e não a tradição oral; Os folhetos tratavam o cotidiano do sertanejo e os cordéis abordam a vida de nobres e cavaleiros; Poetas populares publicavam textos próprios, enquanto, editores portugueses trabalhavam com obras de domínio público. (ABREU, 1999).



Diferente do cordel português, a literatura de folhetos brasileira apresenta-se como uma narrativa mediadora entre o oral e o escrito. Durante o ato da leitura, o público cria a figura de um narrador oral. Enquanto nos cordéis predomina a prosa, nos folhetos a poesia é apresentada como uma declamação em voz alta. Embora sendo registrados na forma gráfica, os poemas não aderem, especificadamente, as convenções do discurso escrito. “A fixação na forma impressa não eliminou a oralidade como referência para essas composições” (ABREU, 1999: 118).

Tal relação, no início das produções, fomentou o embate entre a tradição oral e a escrita. Muitos cantadores não possuíam intenção de publicar cordéis, acreditava-se que era melhor conservá-los para as apresentações orais. Houve uma rejeição em primeira instância por parte dos populares, devido a tradição onde a poesia é preservada pela oralidade. Antes do desenvolvimento da escrita, a memória era o principal recurso de conservação da poética na região Nordeste, responsável pela fixação de um público e sua respectiva participação.

O ato de escrever, inicialmente, ameaçou a relação de pertencimento que conectava os poetas e seu público. Uma vez que, a cantoria criava uma modalidade de sociabilidade que é distinta da forma. Na escrita, o leitor pode realizar a leitura de forma solitária, necessariamente contar com o público ou grupo que participa conjuntamente nos “auditórios” das cantorias.

Quando se observa a popularização da novelística no Brasil⁵, movimento estudado por Câmara Cascudo em *Cinco Livros do Povo* percebe-se a idéia de universalização e predomínio do gênero lusitano diante as variadas produções de literatura no nordeste. Títulos como: “A donzela Teodora”, “A imperatriz Porcina”, “O ciclo de Carlos Magno”, dentre outros romances tradicionais, fomentaram a concepção de influência e dependência literária.

Marinalva Vilar de Lima (2000), em *Narradores do Padre Cícero: do auditório à bancada* o repertório que abrange os folhetos populares, não é constituído apenas por romances tradicionais, sendo presente também folhetos que trazem as histórias de animais, biografias, histórias religiosas, dentre outros que formavam o repertório característico da literatura popular do nordeste. Segundo pesquisadores como Leonardo Mota, Cavalcanti Proença, Ariano Suassuna, dentre outros, contribuíram para estabelecer classificações sobre as temáticas veiculadas nos folhetos, sendo classificação elaborada por Manuel Diegués Júnior, a que

⁵ O termo novelística se refere ao gênero que reporta a origem das 5 mais antigas e populares novelas do Brasil, todas vindas de Portugal e alguma traduzidas do castelhano, escritas por semi-analfabetos. Grande massa literária, que se encontrava na expressão dos arquivos, nos registros de fontes anônimas e na forma letrada.



considero dá conta do universo variado dos temas, contribuindo para sistematizar a prática, em três grandes blocos.

No primeiro bloco temos os “temas tradicionais” que incluem Romances e Novelas, Contos Maravilhosos, Estórias de animais e tradição religiosa. No segundo bloco se destacam os “fatos circunstanciais” ou acontecidos: fatos de natureza física, tais como as enchentes, cheias e secas. E os “fatos de repercussão social”, grandes festas, desportos e novelas televisão, fatos relacionados a cidade e a vida urbana carregados de crítica social. Assim como, acontecimentos ligados ao próprio elemento humano, figuras atuais ou atualizadas, dentre estes os ciclos do cangaço, do fanatismo religioso e de misticismo, tipos étnicos e regionais, etc. Por fim, o terceiro e último bloco é caracterizado pela escrita das cantorias e pelejas⁶. (LIMA, 2000).

A poesia popular se faz presente, enquanto objeto de consumo, nos mercados, nas rodoviárias, nas feiras e praças, dentre os demais setores populares, se tornando um elemento característico da região Nordeste. Para compreender o sentido de popular na literatura folhetos, devemos regressar à materialidade do objeto impresso, pois esta é também, uma instância de grande relevância para sua popularização.

Como auxílio para compreensão do folheto enquanto elemento regional, e sua respectiva disseminação, Cascudo (1979) nos apresenta essa breve definição:

A cada ano mais de mil folhetos são impressos no interior do Brasil e espalhados por todo o território na forma de folhas, em mais de 200.000 exemplares. Possui um público fiel e complexo. Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Sergipe, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão, são os maiores centros irradiantes dessa cultura. Os motivos políticos, locais e nacionais, como também os acontecimentos sociais, grandes caçadas ou pescarias, enchentes, incêndios, milagres, lutas, crimes, festas, vitórias eleitorais, a odisseias dos cangaceiros, os milagres de santos, os velhos livros dos poetas populares, os romances famosos, fazem surgir inúmeros folhetos. Afinal, para que o povo leia e compreenda é necessária a transformação da narrativa em outra língua. O poeta popular transforma os livros da cidade, do autor letrado, em romance. No entanto, é um romance na acepção clássica da adaptação e assimilação, destinada a um ambiente social específico. É transmitido pelos folhetos e pela oralidade dos cantadores, a vida dos trabalhadores de enxada, dos camboieiros e mascates, salineiros e cabeceiros, do povo que apanha algodão e corta palha de carnaúba, seringueiros, caucheiros, garimpeiros, jangadeiros, barcaceiros, pescadores, vaqueiros, lambaios de caminhões, madeireiros no Pará-Amazonas, quebradores de côco no Piauí.

⁶ Processo característico da experiência da poesia no contexto nordestino. Geralmente as cantorias e pelejas trazem “desafios” entre dois poetas que disputam na retórica própria do mote apresentado no auditório.



Em primeira instância, analisamos os folhetos “como espaço do fazer/viver dos poetas, bem como fonte histórico-cultural” (LIMA, 2000). Tomamos como base para a análise aqui apresentada, os folhetos do segundo bloco: “fatos circunstanciais ou acontecidos”, que nos permitira compreender a relevância do poeta popular no quadro histórico e cultural que está inserido, uma vez que os poemas trazem muito do cenário da própria produção do cantador/poeta. Assim, nos foi possível, também desenvolver uma análise sobre as representações que eles fazem acerca de suas experiências e dos outros colegas de profissão. Nesse sentido, é comum aparecer referências às formas de produção, às relações com o mercado e com as tipografias, os momentos de auge e de crise; as histórias que vendiam mais. Portanto, (re)constituem o ambiente da poesia enquanto *locus* de trabalho e de assimilação social.(AYALA, 1988)

Os objetos tipográficos que servem de suporte para produção e venda são responsáveis pela associação com o termo popular. Por conseguinte, o preço baixo e os ambientes onde ocorre a comercialização dos folhetos (festas populares, mercados, feiras), fazem com que os folhetos sejam adquiridos por um vasto público. A distribuição e a popularidade do folheto entre as massas ampliam cada vez mais o sentido de popular.

As obras poderiam ser encontradas em bancas de revista, encomenda pelos correios, e nas primeiras lojas de livros usados e folhetos. Viagens realizadas pelos autores e revendedores, estes que percorriam vilarejos, fazendas, tanto nas regiões agrícolas como nas cidades, foram alternativas recorrentes na venda e distribuição dos materiais. Muitos poetas contaram com agentes em várias cidades e regiões que contribuíram para o deslocamento da poesia nascida no Nordeste, para outros contextos brasileiros. Os folhetos se tornaram presentes nas zonas rurais, foram recepcionados nas fazendas de gado e nos engenhos, por trabalhadores e proprietários, sujeitos que gostavam de ler e interagir com as histórias (ABREU, 1999).

Segundo Márcia Abreu (1999):

No início do século, as diferenças entre campo e cidade não eram tão marcadas no Nordeste e, embora poetas e leitores pertencessem fundamentalmente às camadas pobres da população, membros da elite econômica também tinham nos folhetos e nas cantorias uma de suas principais fontes de lazer.

O sentido de popular, muitas vezes, implica na acepção de literatura marginalizada, esquecida ou desvalorizada pelos poderes literários, culturais e de produção e circulação no mercado. (ABREU, 1999) Entretanto, é necessário desconsiderar a aproximação entre as

expressões “popular” e “marginalizado” uma vez em que, não podemos afirmar se as figuras que consomem e as que produzem os folhetos pertencem exclusivamente às camadas desfavorecidas.

Embora (CHARTIER, 2003) nos mostre que os produtos culturais não são produzidos e consumidos apenas por uma determinada classe social, por mais que o fenômeno literário se apresente como elemento mediador entre os extratos sociais, inicialmente, o folheto se faz presente em determinadas localidades do nordeste. Nesse sentido, sua presença seria observada principalmente no sertão, quando levamos em consideração o percentual da população não letrada e as extensas fronteiras naturais. Assim a literatura popular se constitui enquanto elemento de maior expressão, como uma espécie de jornal, “meio de comunicação” que interligava as pessoas, enquanto as tecnologias vinculadas à comunicação, como o rádio e a televisão, não atingiram as massas em meados do século XX.

A vivência dos trabalhadores nordestinos nas grandes cidades, a luta dos migrantes por sobrevivência material, o cotidiano dos poetas populares, os protestos e agitações sociais, somam um conjunto de narrativas consideravelmente mutáveis e fortemente associadas à realidade social do poeta e público alvo.

As práticas culturais, as imagens e demais representações sobre o Nordeste criaram uma ideia sensível de região. Analisamos as condições históricas de formação do Nordeste em busca fugir da ótica regionalista, este que se apresenta a região como unidade imóvel, como também, para mostrar que os poetas populares não são passivos dos discursos estereotipados sobre a região, são sujeitos ativos no processo de uma narrativa sobre seu local de origem.

Em *A invenção do Nordeste e outras artes*, obra de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (1999), a região Nordeste tem sua identidade espacial construída em um processo histórico que se inicia em 1910. As redes de circularização das ideias caracterizadas pela repetição constante de estereótipos definidores do caráter do seu povo e região contribuíram para uma concepção fechada do que seria o nordeste. Este processo de invenção do nordeste é concretizado na década de 50, a partir do entrecruzamento do discurso regionalista. Nesse período surgem os primeiros discursos sobre a fisionomia da região, características físicas, atributos morais, culturais e simbólicos retratam o Nordeste como lugar do passado, do rural e do atraso. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999)

Para Albuquerque Júnior, as fronteiras que delimitam a Região são produtos da demarcação histórica. O território é feito a partir da imagem, é subjetivado pela educação,



hábitos, contatos sociais e por meio da cultura. A partir do momento que delimitamos o Nordeste como eixo norteador das nossas análises, levamos em conta o quadro de vivência dos poetas populares nesta vasta região, poetas nascidos nos estados da Paraíba e Alagoas, que tiveram estadia em Pernambuco, Rio Grande do Norte, Piauí, Bahia. Portanto, sujeitos que falam sobre lugares reais, onde exerceram ofício de Poeta entre as demais funções como trabalhadores. Discutimos a região e suas representações a partir de sujeitos que habitaram a região durante a fase marcada pelos discursos regionalistas, dentre os demais estereótipos adventos dessas práticas.

As fronteiras desse Nordeste apreendido pelos poetas se tornaram marcáveis nos espaços que os mesmos escolheram para produção, venda e circulação de suas obras. Temos como exemplo a Editora Prelúdio, criada em 1952, esta que posteriormente passa a se chamar Editora Luzeiro⁷, grande centro irradiador de folhetos populares na década de 70, em São Paulo no bairro do Brás. O que nos leva a pensar como a tradição é criada, pensada e propagada por um grupo de acordo com suas necessidades enquanto trabalhadores (estratégias de venda) ou enquanto compromisso de preservação da cultura.

Para compreendemos o processo de formação dos espaços da tradição e processo de construção identitária do Nordestino fora de sua região, narrativa presente nos folhetos, recorremos a *A migração nordestina para São Paulo no segundo governo Vargas (1951-1954) – Seca e desigualdades regionais*, dissertação de mestrado defendida por Monia de Mello Ferrari (2005). Segundo os dados do Departamento de Imigração e Colonização da Secretaria da Agricultura do estado de São Paulo (apresentado na Tabela 1) percebemos um número significativo em relação ao percentual de migrantes nordestinos que estiveram em São Paulo na década de 1950.

Esses números correspondem aos migrantes que tiveram passagem pela Hospedaria do Imigrante, localizada no bairro do Brás. A hospedaria foi inaugurada em 1887 e passou a receber migrantes nacionais a partir de 1930. Os migrantes que possuíam passagens concedidas pelo governo, destinados ao trabalho nas lavouras passavam obrigatoriamente pela hospedaria. No entanto, na década de 50, quando as correntes migratórias se direcionavam para áreas urbanas, os migrantes não possuíam passagens pagas e nem todos se dirigiam as hospedarias. Dessa forma, consideramos que os números apresentados na tabela não correspondem ao total de migrantes Nordestinos e que esses números são maiores do que foram apresentados. (FERRARI, 2005)

⁷ Discussão elaborada por Ana Raquel Motta Souza em: Editora Luzeiro - Um estudo de caso. Ensaio disponível em <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/raquel.html>>



Os movimentos migratórios da década de 50 possuem uma característica específica. Diferente dos outros fluxos, onde o movimento populacional se destinava para as lavouras de café, nos anos 50 foram os fatores ligados à industrialização e urbanização que atraíram os migrantes para as grandes cidades. Boa parte da mão obra da capital São Paulo provia de outros estados. Os dados domiciliares, obtidos pelo censo Demográfico de 1960, nos mostram que 54,74% dos nordestinos, equivalente à 472.280 migrantes, se localizavam na área urbana do estado. (FERRARI, 2005)

São Paulo passou a ser vista como centro moderno do país. Os motivos para migração se justificam pela busca de empregos e por melhores condições de vida. A industrialização do país foi ocasionada por uma série de políticas protecionistas e de substituição de importações implantadas pelo segundo governo de Getúlio Vargas. A política econômica de financiamento dos setores industriais, característica do segundo governo Vargas, influenciou o desenvolvimento econômico de São Paulo à medida que aprofundou as desigualdades sociais do país. (FERRARI, 2005)

Somadas aos fatores anteriormente mencionados, o longo período de estiagem que vai de 1951-1953 foi outro agravante para as condições socioeconômicas do Nordeste, fator que contribuiu para a migração de setores populacionais. Em, *Palavras que Chacinam, Palavras que dominam: A invenção da seca do Nordeste*, Durval Muniz de Albuquerque Júnior, (1995) trabalha com a seca, tema de uma vasta literatura, analisando o fenômeno natural pelo viés imagético-discursivo⁸.

O discurso produzido sobre os períodos de estiagem são ressignificados ao longo da história do Nordeste. Na maior parte dos casos, serviu como fundamento para as necessidades e privilégios da elite. O fenômeno da seca acentua divergência entre os grupos, no momento em que os mais pobres eram alvo a seca não era retratada de forma visível pela mídia. No entanto, quando a seca afeta as elites econômicas da região, o discurso é transformado em necessidade, pressionando postos políticos de nível nacional exigindo benefícios econômicos. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1995)

A seca não deve ser encarada apenas como fenômeno climático que possui mediação com os fatores econômicos, políticos e sociais. O fenômeno torna nítida a diferença social que coexiste entre os grupos. A população que não dispõe de benefícios se vê obrigada a migrar, recorrer às autoridades e a viver em condição de miséria. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1995).

Para Ferrari (2005), não foi só o fator da seca que contribuiu com os movimentos migratórios. Quando se trata da estrutura socioeconômica das zonas rurais da região: grande

⁸ Processo em que imagens e representações tendem a variar conforme as forças que absorvem a temática como objeto de estudo.



concentração de terra em latifundiários, condições inóspitas de trabalho, exploração da mão de obra, dentre outros fatores, percebemos que as secas são apenas agravantes.

As condições que já eram precárias se tornaram cada vez mais insustentáveis com os períodos de estiagem, somados com o as desigualdades regionais, favorecendo um movimento de êxodo. Ocasionalmente assim, um sério problema social, da mesma forma que as migrações fornecem mão de obra barata destinada aos setores de produção, também, favorecem uma desordem social, característico do quadro de miséria em que parte dos migrantes serão expostos, gerando problemas como desemprego e criminalidade. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1995)

A concepção do fenômeno da migração e da trajetória dos sujeitos inseridos processo, se dá através da compreensão acerca das práticas discursivas. Produto da reflexão que os poetas populares obtiveram a respeito das experiências do trabalho no campo, das secas, do fenômeno da migração, da situação dos trabalhadores nos grandes centros urbanos e das consequências desse fenômeno. Através do material disponível no acervo da Biblioteca de obras raras Átila de Almeida, elaboramos um discussão acerca de produções literárias que remontam os fenômenos sociais característicos de meados do século XX e dos anos subsequentes.

Nessa abordagem, focalizamos um duplo aspecto: A origem de uma literatura popular e brasileira e suas respectivas transformações, estas impulsionadas por uma dinâmica social complexa, que envolve a experiência e a memória de Nordestinos no tocante as suas experiências enquanto migrantes e trabalhadores. Dentre um conjunto de produções introduzidas nesse mesmo contexto, que servem de subsidio para análises acerca da constituição de uma prática literária, característica da região e dos seus produtores culturais.

Concluimos que, as condições sociais de formação do Nordeste contribuíram para que a literatura de folheto adquirisse uma estrutura singular, esta que, sobre o ponto de vista dos seus produtores e público alvo, se tornou uma expressão cultural da região. Ainda que, ao passo que esta é identificada enquanto prática pertencente ao Nordeste, também, contribuiu para “dizer” o Nordeste dentro e fora deste, uma vez que os ciclos migratórios se deram pelas movimentações, inclusive dos bens culturais e simbólicos. Daí ser o poeta popular responsável pela elaboração e veiculação dos folhetos, e pela prática de discursos associados às realidades sociais experienciadas por estes.



Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, A; ALVES SOBRINHO, J. **Dicionário Biobibliográfico de Poetas Populares**. Campina Grande-PB: UFEPB, Campus II, 1990.

ALVES SOBRINHO, J. Cantadores, repentistas e poetas populares. Campina Grande: Bagagem, 2003

CASCUDO, L. C. **Cinco livros do povo**: introdução ao estudo da novelística no Brasil. João Pessoa. Editora da UFPB, 1979.

———. **Vaqueiros e Cantadores**: Folclore poético do Sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa. DIFEL, 1990.

———. **Formas e Sentido**. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas. Mercado das Letras, 2003.

FERRARI, M. **A migração nordestina para São Paulo no segundo governo Vargas (1951-1954) – Seca e desigualdades regionais**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.

LIMA, M.V. **Narradores do Padre Cícero**: do auditório à bancada. Fortaleza: Edufc, 2000.

LUYTEN, Joseph Maria. **O que é Literatura popular**. São Paulo. Brasiliense, 1983.

ABREU, M. **História de cordéis e folhetos**. Campinas, Mercado das Letras 1999.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.

———. **Palavras que calcinam, palavras que dominam**: a invenção da seca do Nordeste. Revista Brasileira de História, São Paulo, 1995.



Tabela 1 – Brasileiros que passaram pela Hospedaria de Imigrantes

Anos	Estados de origem dos migrantes								Total
	BA	PE	AL	CE	SE	PB	PI	RN	
1950	36.290	11.658	11.848	3.636	4.311	639	1.008	783	70.173
1951	76.204	25.842	20.474	21.130	8.949	3.642	2.608	1.079	159.928
1952	113.758	31.731	28.125	15.025	9.182	3.148	2.625	620	204.214
1953	38.409	17.744	13.550	9.814	3.333	2.457	1.496	995	87.798
1954	26.289	14.855	15.442	5.789	3.928	1.556	979	557	69.395
1955	20.724	16.450	16.631	3.865	6.998	1.334	963	547	67.512
1956	19.789	17.287	17.114	3.231	7.039	1.811	1.012	308	67.591
1957	10.071	7.039	6.170	1.706	2.411	1.326	516	279	29.518
1958	14.889	24.911	12.403	18.007	4.803	5.855	763	944	82.575
1959	27.315	23.246	13.474	10.633	5.233	4.240	918	746	85.805
Total	383.738	190.763	155.231	92.836	56.187	26.008	12.888	6.858	924.509

Fonte: Departamento de Imigração e Colonização. Secretaria da Agricultura de São Paulo. In: Brasileiros na Hospedaria de Imigrantes. São Paulo, 2001.

